

LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO/ ETNOFARMACOLÓGICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADE RURAL NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO JACUÍPE-BA

Alisson Martins Silva¹, Leandro Cabral Silva¹, Vitor Hugo Migués^{1,2*}

¹Centro Universitário Ruy Barbosa, Salvador, BA, Brasil

² Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, Brasil

RESUMO

Apesar de muitos estudos sobre a área, vale ressaltar que grande parte da flora brasileira permanece desconhecida, tornando-a vulnerável, pois essas espécies são mantidas pelas comunidades apenas se tiverem alguma utilidade. O objetivo principal deste trabalho é realizar um levantamento etnofarmacológico/etnobotânico de plantas medicinais nas comunidades rurais do município de São José do Jacuípe-Ba a fim de aliar o conhecimento popular à pesquisa. Esta pesquisa poderá servir de embasamento para outros trabalhos, valorizando cada vez mais o conhecimento popular e enriquecendo as comunidades científicas. Os trabalhos acadêmicos utilizados para elaboração desta pesquisa foram extraídos de revistas indexadas, sendo também realizada busca no Google acadêmico. Os dados foram compilados e organizados em ordem alfabética por espécies, seguidas do nome popular, forma de uso, parte usada, indicações. Foram registrados 36 etnoespécies, das quais as famílias Euphorbiaceae, Lamiaceae, Fabaceae englobaram maior número de espécies citadas. Contatou-se que a folha (49%) foi a parte da planta mais utilizada e quanto ao modo de preparo notou-se predominância do chá para beber (73,5%). A espécie que foi mais citada foi erva cidreira (*Melissa officinalis*), capim santo (*Cymbopogon citratus*) e caatinga de porco (*Croton echinodes*). Observou-se que os moradores da comunidade apresentam domínio de conhecimento sobre o uso de plantas medicinais estando este conhecimento concentrado principalmente entre as pessoas mais idosas.

Descritores: Plantas Medicinais; Etnobotânica; Fitoterapia; População rural.

ABSTRACT

Although there are many studies in the area, it is noted that a large part of the Brazilian flora is still unknown, which makes it vulnerable, since communities only maintain the species if they are of some use. The main objective of the work is to conduct an ethnopharmacological/ethnobotanical survey of medicinal plants in rural communities in the municipality of São José do Jacuípe-Ba, in order to combine popular knowledge with research. This research may serve as a basis for other works, increasingly valuing popular knowledge and enriching scientific communities. The academic papers used to prepare this research were extracted from indexed journals, and a search on academic Google was also performed. Data were compiled and organized alphabetically by species, followed by popular



*name, form of use, part used, indications. Thirty-six ethnospices were recorded, of which the families Euphorbiaceae, Lamiaceae, Fabaceae encompassed the greatest number of species mentioned. It was found that the leaf (49%) was the most used part of the plant and as for the method of preparation of the plants, there was a predominance of tea for drinking (73.5%). The species that was most mentioned was lemongrass (*Melissa officinalis*), capim santo (*Cymbopogon citratus*) and pig caatinga (*Croton echinodes*). It was observed that community residents have mastery of knowledge about the use of medicinal plants, and this knowledge is concentrated among older people.*

Descriptors: Medicinal plants; Ethnobotany; Phytotherapy; Rural population.

INTRODUÇÃO

A Bahia é um estado privilegiado quanto a sua biodiversidade pois a existência de diferentes tipos de biomas e a presença de um litoral extenso propicia a existência de uma grande diversidade biológica de plantas, animais e organismos marinhos. Dentre esses, no litoral, há prevalência da Mata Atlântica e restinga, no interior do Estado a caatinga e cerrado são os biomas mais prevalentes do chamado Semiárido baiano. Essa grande diversidade de habitats faz com que o estado seja rico em biodiversidade vegetal¹. Apesar do avanço do conhecimento da composição química das plantas brasileiras, as composições químicas das espécies brasileiras, ainda hoje, são pouco conhecidas².

Espécies do semiárido baiano, tanto as endêmicas quanto medicinais, também não possuem um número expressivo de trabalhos realizados sob o ponto de vista químico e/ou farmacológico. Desde 1987, pesquisadores de um modo geral e, em especial o Prof. Otto Richard Gottlieb, vêm alertando que, no Brasil, de um total de aproximadamente 60 mil espécies de plantas, somente 880 possuíam, na época, algum estudo fitoquímico realizado³. Mesmo que este levantamento reflita dados de anos atrás, nas duas últimas décadas, não houve uma mudança abrupta no conhecimento da composição química da flora brasileira.

As plantas medicinais servem como fonte primária para o desenvolvimento de novos fármacos. Dessa forma, “o estudo do emprego popular de plantas medicinais é ferramenta importante na descoberta de novos fármacos, logo que o uso e permanência de determinadas plantas dentro de uma comunidade sugere que ela possua real eficácia”⁴. Em resumo, é interessante estudar o conhecimento popular existente e, mais importante, conduzir pesquisas para utilizar o conhecimento. As pessoas que vivem em áreas rurais geralmente se interessam mais por essa cultura, pois têm contato direto com a flora e a fauna diariamente. Esse fator foi norteador de uma pesquisa por questionário com moradores de comunidades rurais do município de São José do Jacuipe, Bahia, Brasil.

Nesse sentido, destaca-se a definição de Oliveira⁵, a fim de fornecer conhecimento sobre as plantas, ele apontou que é benéfico estudar a inter-relação direta entre os seres humanos e o ambiente vegetal, porque a tradição de um povo diz muito sobre a maneira como eles cuidam das espécies vegetais. Assim, ao se constatar que as plantas medicinais interagem significativamente

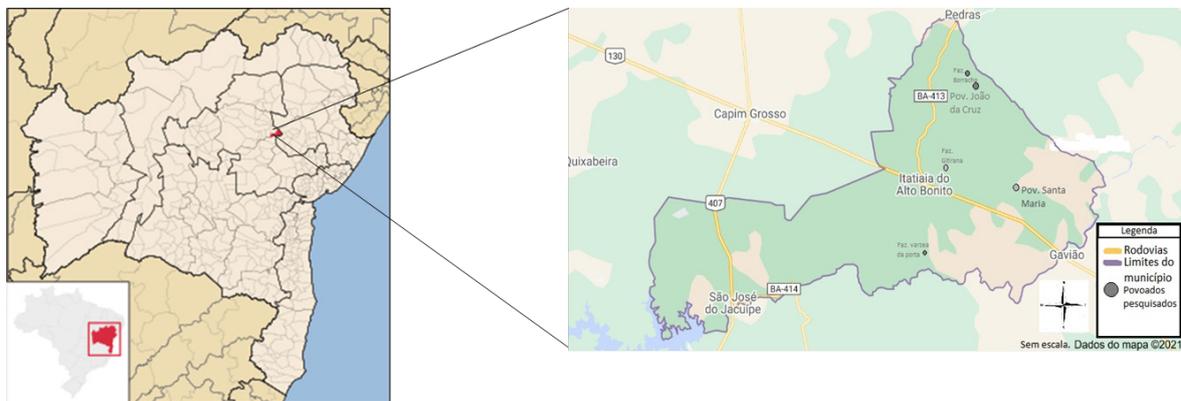
com aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais, atingindo as mais díspares dimensões da sustentabilidade, abre caminho para o uso e conservação dos ecossistemas, além de valorizar a cultura das comunidades tradicionais, reduzindo os impactos negativos⁶.

Visando manter a tradição e o conhecimento sobre as plantas medicinais, o presente trabalho buscou conhecer as espécies de plantas medicinais utilizadas pela população rural das comunidades rurais do município de São José do Jacuípe através de um levantamento etnofarmacológico/etnobotânico,

METODOLOGIA

O município de São José do Jacuípe, coordenadas geográficas 11° 33' de latitude Sul e 40°. 01' de longitude Oeste está localizado na região econômica da Bacia do Jacuípe, componente da mesorregião Centro Norte Baiano e está distante cerca de 290 Km de Salvador (FIGURA 1). Com área territorial equivalente a trezentos e sessenta e dois quilômetros quadrados (IBGE 2020), com população estimada pelo IBGE de 10.550 habitantes compondo-se da Sede São José do Jacuípe, distrito de Itatiaia do Alto Bonito e dos povoados Vaca Brava, Pau de Colher e dos assentamentos Santa Maria, Embratel, Lameiro, Quilômetro 118, Várzea Dantas, João da Cruz e diversas fazendas. A economia é baseada na pecuária e na agricultura de subsistência. O Bioma Predominante é a Caatinga.

Figura 1: Localização do município São José do Jacuípe.



Fonte: Image: Bahia Meso

Aspectos éticos

Este trabalho foi desenvolvido em conformidade com resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, sendo o mesmo submetido e aprovado pelo comitê de ética e pesquisa de através do protocolo de aprovação CAAE: 42681364.8.0002.0245.

Caracterização da pesquisa

Para a realização dessa pesquisa, 10% da população, das comunidades rurais do município de São José do Jacuípe, foi selecionada para a pesquisa, totalizando um total de 38 entrevistas. As comunidades selecionadas foram Santa Maria, João da Cruz e Fazenda Borracha (Figura 1 destaque), que juntos totalizam aproximadamente 380 habitantes.

A coleta de dados foi realizada com o auxílio de uma Agente comunitária de saúde em decorrência da dificuldade de acesso maioria das residências. Os dados foram coletados através da aplicação de um questionário semiestruturado (anexo) para uma amostra de moradores de diferentes faixas etárias que residem nas comunidades rurais selecionadas do município de São José do Jacuípe, no qual após serem explicados sobre o fundamento da pesquisa e seus aspectos éticos, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e responderam às perguntas presentes no questionário que além de caráter exploratório referente ao conhecimento das plantas medicinais. Ademais, o questionário continha também uma parte socioeconômica para que fosse possível a caracterização da população de estudo.

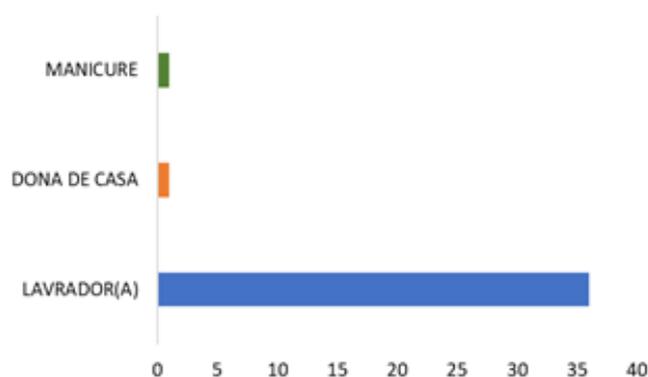
Quando possível foram coletados exemplares das plantas para posterior classificação taxonômica, para evitar erros na identificação devido aos nomes populares. A classificação foi feita com o auxílio de um especialista em botânica. Os exemplares foram depositados no Herbário da UFBA.

Os dados obtidos da pesquisa foram computados em planilhas e compilados com a auxílio do programa Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

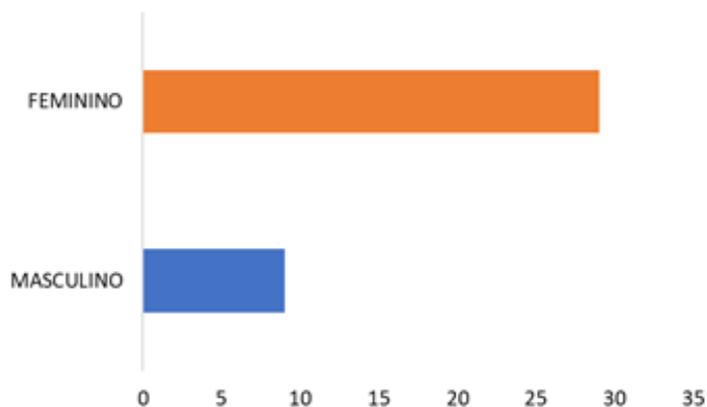
A caracterização da população de estudo é de suma importância para o desenvolvimento e conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, uma vez que a população mais idosa é a detentora do conhecimento. De fato, observa-se na Figura 2 que a grande maioria dos entrevistados (95%) são lavradores, um entrevistado é dona de casa e uma manicure.

Figura 2: Profissão dos entrevistados. Fonte: os autores



A predominância dos entrevistados foi do sexo feminino (76%) contra 24% do sexo masculino (Figura 3). De acordo com os estudos de Badke⁹ mostram que a mulher tem mais conhecimento sobre plantas devido ser a responsável pela tradição, saúde e segurança alimentar da família.

Figura 3: Gênero dos entrevistados. Fonte: os autores



Em relação à escolaridade, dos 38, apenas 2 entrevistados (5,2%) disseram que concluíram o ensino médio; os outros 94,8% não concluíram, onde 44,45% destes, são analfabetos (Figura 4), esses resultados entram em concordância com o estudo realizado por Albergaria¹⁰. Detalhes da Renda estão sumarizadas na Figura 5.

Figura 4: Grau de instrução dos entrevistados. Fonte: os autores

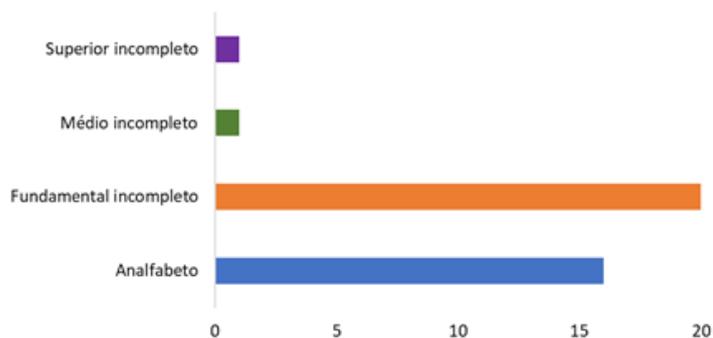
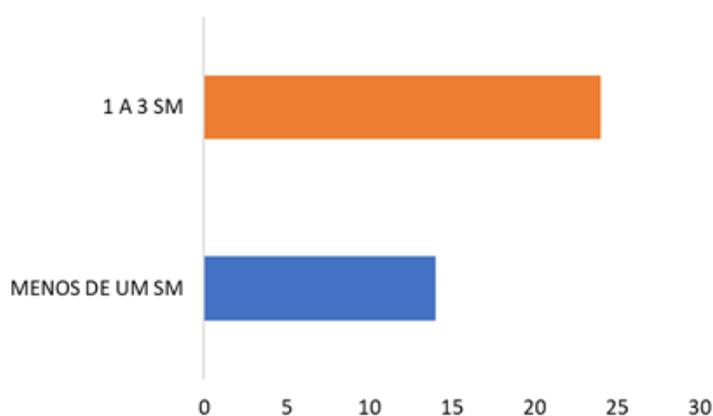


Figura 5: Renda dos entrevistados. Fonte: os autores



Por meio das entrevistas etnobotânicas foi possível registrar 65 espécies nativas, e exóticas com potencial medicinal (Tabela 1), distribuídas em 36 famílias. O quadro mostra, ainda, a parte utilizada da planta, os nomes regionais de cada planta utilizada, bem como a aplicação e a parte da planta utilizada.

Conforme pode ser observado no Quadro 1, podemos notar que muitas já têm efeito medicinal comprovado, como exemplo podemos citar a Erva cidreira (*Lippia alba*) que foi a espécie com maior índice de citação, foi citada 18 vezes entre os entrevistados (Figura 6) e que está descrita na Farmacopeia Brasileira que está indicada para o auxílio de ansiedade leve semelhante à descrita pela comunidade que é a propriedade calmante.

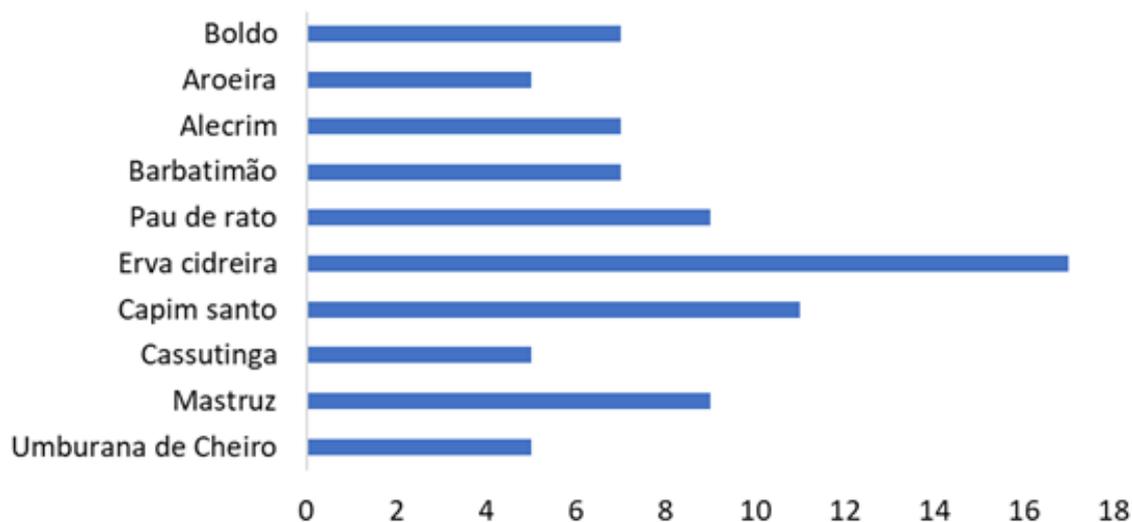
Tabela 1: Espécies citadas pelos entrevistados com nome regional, nome científico, partes da planta utilizada e aplicação da população rural das comunidades rurais do município de São José do Jacuípe, Bahia, Brasil. As espécies foram separadas por família.

Família	Nome Popular	Nome Científico	Partes Usadas	Indicação
<i>Adoxaceae</i>	Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	Folhas	Gripe, febre
	Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Folhas, caule	Gripe, vermífugo
<i>Amaranthaceae</i>	Terramicinal/ novalgina	<i>Alternanthera brasiliana</i>	Folhas	anti-inflamatório
	Barauna	<i>Schinopsis brasiliensis</i>	Folhas, cascas	AVC, hipertensão
	Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Cascas, folhas	Anti-inflamatório
	Umbuzeiro	<i>Spondias tuberosa</i>	Folhas	Estômago
<i>Annonaceae</i>	Graviola	<i>Annona muricata</i>	Folhas	Hipertensão
<i>Apiaceae</i>	Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Folhas	Hipertensão, calmante
<i>Asphodelaceae</i>	Babosa	<i>Aloe vera</i>	Folhas	Hemorroidas, problemas no estômago, vermífugo
<i>Asteraceae</i>	Picão preto	<i>Bidens pilosa</i>	Flores, sementes	Dores na coluna infecção urinária,
	Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	Flores	Calmante
	Carqueja	<i>Baccharis trimera</i>	Folhas	Diabetes, dores no corpo
	Artemisia	<i>Artemisia vulgaris</i>	Planta toda	Tontura
<i>Bignoniaceae</i>	Ipê	<i>Handroanthu sp.</i>	Folhas	Dores na coluna, dores no estômago
	Pau d'arco roxo	<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Cascas, folhas	Câncer, gastrite
	Caraíba	<i>Tabebuia aurea</i>	Cascas/sementes	Recuperação de ossos quebrados, cicatrizante
<i>Cactaceae</i>	Mandacarú de três quinas	<i>Hylocereus setaceus</i>	Caule	Infecção urinária, câncer de próstata
	Cabeça de frade	<i>Melocactus zehntneri</i>	Caule	Câncer de próstata
<i>Caricaceae</i>	Mamoeiro	<i>Carica papaya</i>	Cascas, folhas	Dores no estômago

<i>Convolvulaceae</i>	Pulga de batata	<i>Convolvulus operculata</i>	Raiz	Laxante
<i>Crassulaceae</i>	Folha santa	<i>Kalanchoe pinnata</i>	Folhas	Gripe
<i>Ericaceae</i>	Pau de colher	<i>Tabernaemontana echinata</i>	Cascas	Dores no estômago
	Velaminho	<i>Croton sp.</i>	Folhas	AVC, gripes
	Cassutinga (crioula)	<i>Croton linearifolius</i>	Raízes, caule, folhas	Dores no corpo, diabetes, colesterol, AVC, estômago
<i>Euphorbiaceae</i>	Velame	<i>Croton heliotropiifolius</i>	Folhas	AVC
	Mamona juriti	<i>Ricinus communis sp</i>	Folhas	Erisipela
	Cansação de favela	<i>Cnidocolus bahianus</i>	Folhas, cascas	Câncer de próstata, erisipela
	Umburana de cheiro	<i>Amburana cearensis</i>	Sementes	Estômago
	Fedegoso	<i>Cassia occidentalis</i>	Folhas	Gripe
	Barbatená	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Casca	Inflamação, cicatrizante, dores na coluna
<i>Fabaceae</i>	Pau preto	<i>Schinopsis brasiliensis</i>	Cascas	Cicatrizante
	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Fruto, cascas	Inflamação dores no corpo
	Gerema	<i>Acacia jurema</i>	Cascas	Dores no estômago, cicatrização de feridas
	Pau ferro	<i>Libidibia ferrea</i>	Folhas	Gripe
<i>Gramíneas</i>	Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Folhas	Hipertensão, calmante
	Pejo	<i>Mentha pulegium</i>	Folhas	Dores no corpo, gripe
	Hortelã graudo	<i>Coleus amboinicus</i>	Folhas	Gripe
<i>Lamiaceae</i>	Alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i>	Folhas	Gripe
	Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i>	Folhas	Gripe
	Hortelã miudo	<i>Mentha spicata</i>	Folhas	Gripe
<i>Leguminosae</i>	Pau de rato/caatinga de porco	<i>Poincianella pyramidalis</i>	Folhas, cascas	Dores no estômago
<i>Malvaceae</i>	Algodão	<i>Gossypium</i>	Frutos, folhas	Gripe, dores no estômago
<i>Mimosaceae</i>	Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i>	Cascas	Gripe
<i>Monimiaceae</i>	Boldo/boldo brasileiro	<i>Plectranthus barbatus</i>	Planta toda	Dores no estômago
<i>Moraceae</i>	Amora	<i>Morus rubra</i>	Folhas	Emagrecimento diabetes
<i>Myristicaceae</i>	Nós moscada	<i>Myristica fragrans</i>	Sementes	Estômago
	Pirim	<i>Myrcia selloi</i>	Folhas	Diarreia
	Goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	Folhas	Dores no estômago
<i>Myrtaceae</i>	Cabeludinha	<i>Myrciaria glazioviana</i>	Fruto	Infecção urinária inflamação
	Cambuí	<i>Myrciaria tenella</i>	Folhas	Dores no estômago
<i>Plantaginaceae</i>	Transagem	<i>Plantago major</i>	Folhas	Dores no estômago
<i>Polygonaceae</i>	Azedinha	<i>Rumex Acetosa</i>	Folhas	Gripe

<i>Portulacaceae</i>	Berdoega	<i>Portulaca oleracea</i>	Planta inteira	Laxante
<i>Punicaceae</i>	Romã	<i>Punica granatum</i>	Fruto	Dores de garganta, gripes
<i>Rubiaceae</i>	Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i>	Raízes	Tosse
<i>Rutaceae</i>	Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Folhas	Cólicas
	Limão	<i>Citrus limon</i>	Folhas	Gripe
<i>Salicaceae</i>	Salgueiro	<i>Salix alba</i>	Folhas	Febre
<i>Solanaceae</i>	Melancia da praia cabumbo	<i>Solanum capsicoides</i>	Fruto	Tosse, gripe
	Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i>	Frutos	Diabetes
<i>Urticaceae</i>	Brilhantina	<i>Pilea microphylla</i>	Folhas	Diarreia
<i>Verbenaceae</i>	Erva cidreira	<i>Lippia alba</i>	Folhas	Calmante, dores
	Alecrim de vaqueiro	<i>Lippia sidoides</i>	Folhas	AVC, gripe
	Camará branco	<i>Lantana camara</i>	Folhas	Tosse
<i>Vitaceae</i>	Insulina	<i>Cissus verticillata</i>	Folhas, frutos	Diabetes

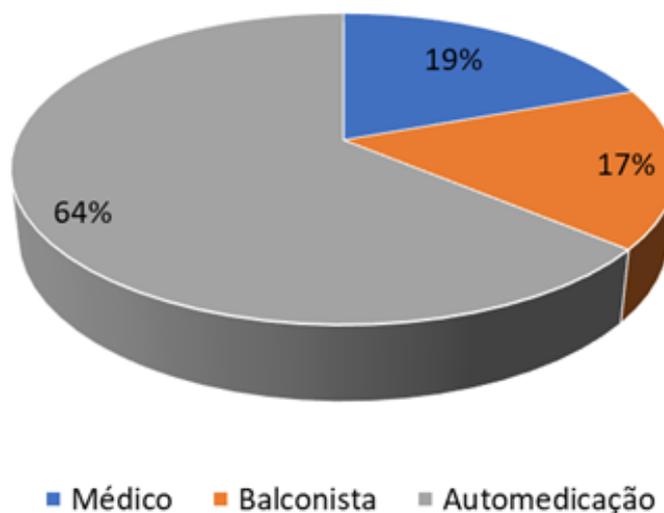
Figura 6: Espécies mais citadas pelos entrevistados. Fonte: os autores



Assim como o Capim santo (*Cymbopogon citratus*), que também tem suas propriedades comprovadas cientificamente e está descrito também na farmacopeia brasileira com indicação para ansiedade leve, insônia, e cólicas menstruais¹¹, indo mais uma vez de encontro com os relatos da população pesquisada. Outro fator que vai em concordância com outros estudos é o índice de citação de plantas nativas que se assemelham em nível de espécie, como a Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), e a Umburana de cheiro (*Amburana cearenses*) que também é citada por Silva¹², assim com a Catingueira/Catinga de porco (*Poincianella pyramidalis*), que é citada nos estudos de Gonzaga¹³, como sendo bem comum a população de regiões semiáridas da caatinga

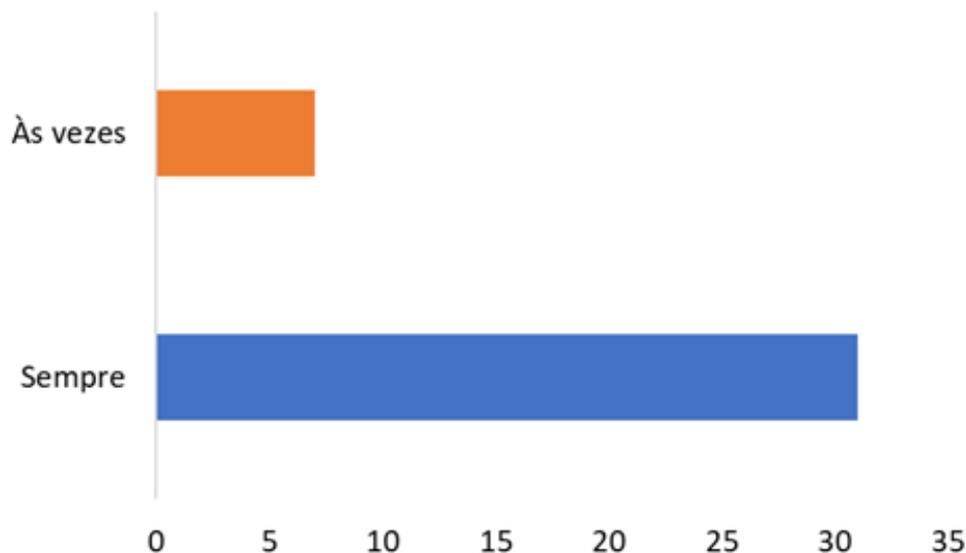
Uma característica importante foi o fato de que grande parte da população, 64% dos entrevistados fazem a automedicação, a partir de plantas medicinais, 19% buscam auxílio médico e 17 % solicitam ajuda ao balconista de farmácia (Figura 7)

Figura 7: Local onde os entrevistados buscam auxílio em caso de doença. Fonte: os autores



Na Figura 8, podemos observar que uma grande parte dos entrevistados (82%) garantem que com o uso das plantas tem o efeito terapêutico desejado, e (18%) responderam que só as vezes tem o efeito terapêutico desejado, já as categorias nunca e não sei não foram citadas por nem um dos entrevistados.

Figura 8: Eficácia do uso terapêutico das espécies, segundo os entrevistados. Fonte: os autores



O uso do *Melocactus zehntneri*, planta amplamente conhecida sob os nomes de “coroa-de-frade” e “cabeça-de-frade”, tem finalidade terapêutica decisiva e eficaz no tratamento de diversas doenças, que são encontrados em vários estudos de pesquisas populares^{14,15,16}.

A parte vegetal utilizada é a parte interna de seu fruto, em seu estado natural, ingerida por via oral na dose descrita em uma colher de sopa, três vezes ao dia para um litro de infusão ou decoção, com açúcar ou mel, devendo ser utilizada até os sintomas desaparecer¹⁷.

Na literatura, verifica-se que *Melocactus zehntneri* possui inúmeras atividades terapêuticas como tratamento de doenças respiratórias como pneumonia, gripe, tosse (pela ação expectorante); no tratamento de doenças como ameba, cansaço (falta de ar), coqueluche, inflamação de garganta, bronquite, hemorroidas e próstata, além de cólicas e outros problemas de saúde ligados ao trato intestinal renal^{19,20}.

Dentre as plantas citadas pelos entrevistados, merece destaque a baraúna (*Schinopsis brasiliensis*). *S. brasiliensis* é uma árvore endêmica do Brasil, xerófita, heliófita, totalmente decídua durante o período seco, florescendo em gincológico^{4,12,17,18} épocas variáveis de um ano para o outro, ele é observado com relação ao fruto e sua maturação⁶. Ocorre sempre em solos de várzea ricos em cálcio e nutrientes, bem suprido de matéria orgânica e umidade em profundidade. Sua madeira tem valor econômico agregado por possuir elevada resistência tanto a fungos, quanto unidade a apodrecimento²¹.

Relatos apontam que a principal forma de utilização de *S. brasiliensis* é na forma de decocção a partir da casca do caule, juntamente com açúcar, na forma de xarope; todavia a forma de utilização pode modificar de região para região¹⁹. De acordo com Albuquerque e colaboradores²², todas as partes da planta – caule casca do caule, folhas, frutos e a resina são utilizadas para o tratamento de fraturas, inflamações, impotência sexual, tosse, gripe e diarreia.

Com relação à avaliação de *S. brasiliensis*, há relatos na literatura sobre a atividade antioxidante de folhas e sementes²³⁻²⁶, atividade antimicrobiana da casca, casca da raiz, flores, vagens e sementes^{24,27-29}, toxicidade frente a *Artemia salina* das folhas e caules³⁰ e a atividade anticolinesterásica das sementes²⁴. Há também relatos da determinação de compostos fenólicos totais e flavonoides totais em extratos de folhas dessa espécie²⁶.

Outro achado interessante foi referente a *Tabebuia aurea*. A *Tabebuia* é utilizada há muito tempo como alternativa terapêutica pela população rural. Um artigo de revisão resumiu o progresso da pesquisa sobre as espécies de *Tabebuia*, com particular consideração aos usos tradicionais, constituintes químicos e atividades biológicas. Os estudos farmacológicos realizados com extratos brutos e metabólitos puros forneceram documentos pragmáticos para usos tradicionais, uma vez que *Tabebuia* tem sido usada tradicionalmente para tratar sífilis, malária, doenças de pele e estômago, câncer, inflamação, dor, irritabilidade, depressão, diabetes, prostatite, prisão de ventre e alergias³¹.

Os dados apresentados no trabalho de El-Hawary³¹ afirmam claramente que todos os estudos fitoquímicos e farmacológicos relatados, estão focados somente para algumas espécies; no entanto, a maioria das espécies de *Tabebuia* ainda requerem investigações mais extensas no futuro. Além disso, o estado da arte da química da *Tabebuia* oferece consideráveis oportunidades para futuras descobertas, como as descritas nesse trabalho, em que os participantes disseram que a espécie *Tabebuia aurea* pode ser utilizada para cicatrização de ossos. De fato, essa atividade carece de dados confirmatório.

Aproximadamente 292 constituintes químicos foram isolados de diferentes espécies de *Tabebuia*. Esses metabólitos pertencem a diferentes classes; naftoquinonas, flavonóides, lignanas, cumarinas, aldeídos, ácidos, ésteres, ácidos graxos, esteróis, irridoides e carotenóides. Mesmo com essa gama de descobertas, ainda existem lacunas científicas, que podem corroborar ou contradizer o achado nesse trabalho.

Muitas Euphorbiaceae são conhecidas em diferentes partes do mundo como tóxicas e/ou medicinais. A alta diversidade dos efeitos descritos é reflexo da alta diversidade química deste grupo de plantas. *Croton* é um grande gênero de Euphorbiaceae, compreendendo cerca de 1.300 espécies de árvores, arbustos e ervas distribuídas em regiões tropicais e subtropicais de ambos os hemisférios e algumas têm sido utilizadas na medicina popular para diversas aplicações, inclusive no câncer. O gênero é rico em constituintes com atividades biológicas, principalmente diterpenóides como ésteres de forbol, clerodano, labdano, caurano, traquilobano, pimarano etc. O *Croton* também é rico em alcalóides ativos³².

No último trabalho de revisão do gênero *Euphorbia*, verifica-se que as atividades biológicas se centram em diabetes, malária, doenças sexualmente transmissíveis, câncer, atividade anti-inflamatória, febre, problemas digestivos e atividades antibacterianas. Entretanto, os dados referentes a AVC encontrados nesse trabalho, podem servir de base para descoberta de novas atividades biológicas, além do princípio ativo responsável pela atividade.

Os mesmos achados corroboram os dados obtidos com os estudos realizados no Brasil, onde verifica-se que há uma boa concordância entre usos populares e efeitos observados experimentalmente³³. De fato, os usos populares de plantas medicinais frequentemente são coerentes com os efeitos farmacológicos dos principais princípios ativos das respectivas fontes vegetais.

Em meados dos anos 2000, no âmbito do extinto programa IMSEAR (Instituto do Milênio do Semiárido) foi realizado um levantamento sobre a química e farmacologia das substâncias e extratos das espécies vegetais que ocorrem especificamente na caatinga brasileira. Estes resultados comprovaram que houve pouco progresso no conhecimento químico e biológico das espécies vegetais brasileiras. Das 1981 plantas da caatinga descritas, identificadas e depositadas no Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), distribuídas em 84 famílias, somente cerca de 10 % delas possuíam algum tipo de estudo químico. E somente 10 espécies possuíam estudo químico ou farmacológico sistemático e definitivo¹.

Essas plantas costumam ter outros usos além de seus usos medicinais, o que torna o cultivo dessa planta ainda mais interessante. Roque e colaboradores⁴ afirmam que as comunidades utilizam as plantas medicinais por serem o único recurso disponível. Outra razão para o uso de plantas medicinais em vez de medicamentos tradicionais é o seu baixo custo⁵.

Parte-se do pressuposto de que o tema do trabalho contribui muito para a comunidade local e científica, pois a pesquisa etnofarmacológica/etnobotânica agrega conhecimento popular à pesquisa. Ademais, após estudos de atividades biológicas comprovadas, podem ser utilizadas para

produção e/ou desenvolvimento de novos medicamentos. Além de seus benefícios fitoterápicos, as plantas medicinais costumam ter importância cultural.

Essa herança cultural, transmitida de geração em geração por seus descendentes, se depara com o avanço descontrolado da tecnologia, do consumismo, da objetividade e da rapidez na resolução de problemas, cada vez mais vorazes. A cada dia há mais medicamentos disponíveis nas farmácias, levando as pessoas a optarem pelo fácil acesso aos medicamentos e desconsiderando e menosprezando a utilidade das plantas como cura e/ou tratamento. Esse conhecimento precisa ser valorizado, resgatando a história e cultura para as gerações futuras⁸.

CONCLUSÕES

A partir desse estudo, verifica-se a gama de plantas medicinais utilizadas pelo povoado. Vale ressaltar que muitas dessas plantas já são conhecidas e comprovadamente eficaz no tratamento de doenças e enfermidades. Por outro lado, verifica-se nova informações que carecem de confirmação. Dessa forma, esse trabalho pode contribuir na busca e investigação dessas espécies e o conhecimento popular agregado a ciência.

É possível chegar à conclusão que na maioria das vezes as plantas acabam, tendo importante participação no que diz respeito ao tratamento principalmente de simples processos patológicos, chegando na maioria dos casos a substituir o medicamento alopático, seja por conta de questões financeiras ou mesmo o próprio conhecimento empírico adquirido geração após geração. Contudo é possível, que o uso dessas plantas, muitas vezes, ocorre sem orientação e de forma desordenada e sem controle de dosagem. Esse indicativo traz à tona a necessidade de implantação e do reforço das já existentes políticas públicas relacionadas às plantas medicinais.

REFERÊNCIAS

- 1 David JM, David J P, Goulart AE, Barbosa Filho JM, Conserva LM, Guilietti AM, De Queiróz LP. Catálogo Botânico, Químico e Farmacológico de Plantas da Caatinga Brasileira. In: Instituto do Milênio do Semiárido. Vol. IV, editado por Guilietti AM, De Queiróz LP, Editora APNE, Recife, 497, 2006.
- 2 Oliveira E R, Menini Neto L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu, 2012; 14(2): 311-320. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722012000200010
- 3 OLIVEIRA FCS, BARROS RFM, MOITA NETO JM. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu, 2010; 12(3): 282-301. <https://doi.org/10.1590/S1516-05722010000300006>

-
- 4 Ribeiro MNS, Zoghbi MGB, Silva ML, Gottlieb OR, Rezende CMM. Cadastro Fitoquímico Brasileiro, 2a ed., INPA/FVA, Manaus, 1987. Disponível em https://koha.inpa.gov.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=7802&shelfbrowse_itemnumber=9880
- 5 Oliveira MCP, Oliveira GJ. Superação da dormência de sementes de *Schinopsis brasiliensis*. Ciência Rural, 2008; 38(1): 251-254. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782008000100042>
- 6 Modro AFH, Meneguelli AZ, Ribeiro SB, Maia E, Lima-Júnior GA. Importância do conhecimento tradicional de plantas medicinais para a conservação da Amazônia. Cadernos de Agroecologia, 2015; 10(3): 1-5. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/19587>
- 7 Roque AA, Rocha RM., Loiola MIB. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu. 2010; 12(1): ,31-42. <https://doi.org/10.1590/S1516-05722010000100006>
- 8 Boscolo OH, Galvão MN. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em duas comunidades da região serrana do Rio de Janeiro, Brasil. Revista Fitos, 2019; 13(3): 212-231. <https://doi.org/10.32712/2446-4775.2019.829>
- 9 Badke MR, Budó MLD, Silva FM, Ressel LB. Medicinal plants: the knowledge sustained by daily life practice. Esc. Anna Nery, 2011; 15(1): 132-139. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000100019>
- 10 Albergaria ET. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidades rurais localizadas na Unidade de Conservação Tatu-Bola, município de Lagoa Grande, PE – Brasil. Revista Fitos, 2019; 2(13): 137-154. DOI 10.17648/244647752019713.
- 11 MS - Ministério da Saúde (Brasil). Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Formulário de Fitoterápicos: Farmacopeia Brasileira. 2ª edição. ed. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2021. 223 p. Disponível em: Agência Nacional de Vigilância Sanitária.
- 12 Silva CG, Marinho MGV, Lucena MFA, Costa JGM. Ethnobotanical survey of medicinal plants in the Caatinga area in the community of Sitio Nazaré, Milagres, Ceará, Brazil. Rev. bras. plantas med., 2015; 17(1): 133-142. https://doi.org/10.1590/1983-084X/12_055
- 13 Gonzaga C, França F, Melo E. Medicinal uses of plant species in background pasture areas in Northeast Brazil. Bol. latinoam. Caribe plantas med. Aromát., 2016; 15(5): 323-336. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-907549>

-
- 14 Mata PA. Diversidade e estrutura de *Cactaceae* Juss. Em uma área do semiárido paraibano. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais* [online]. 2015; 17(1): 133-142. Disponível em <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8949>
- 15 Bravo Filho ES, Santana MC, Santos, PAA, Ribeiro AS. *Melocactus* (Cactaceae) no estado de Sergipe (Brasil) e aspectos de sua conservação. *Lilloa*, 2018; 55(1): 16–25. <http://dx.doi.org/D.O.I.:doi.org/10.30550/j.lil/2018.55.1/2>
- 16 Silva VA. Diversidade de uso das cactáceas no Nordeste do Brasil: uma revisão. *Gaia Scientia Edição Especial Cactaceae*. 2015; 9(2): 137-154. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/26476>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- 17 Lucena CM, Lucena RFP, Costa GM et al. (2013). Use and knowledge of Cactaceae in Northeastern Brazil. *J Ethnobiology Ethnomedicine*. 2013; 9: 62 <https://doi.org/10.1186/1746-4269-9-62>
- 18 Marreiros NA, Ferreira EC, Lucena CM, Lucena RFP. Conhecimento botânico tradicional sobre plantas medicinais no semiárido da paraíba (nordeste, Brasil). *Revista Ouricuri*, 2015; 5(1): 110-144. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/1271/876>
- 19 Agra MF, Freitas PF, Barbosa-Filho JM. Synopsis of the plants known as medicinal and poisonous in Northeast of Brazil. *Rev Bras Farmacogn.*, 2007; 17(1): 114-140. <https://doi.org/10.1590/S0102-695X2007000100021>
- 20 Agra MF, Silva KN, Basílio IJLD, Freitas PF, Barbosa-Filho JM. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. *Rev. Bras. Farmacogn.*, 2008; 18(3): 472-508. <https://doi.org/10.1590/S0102-695X2008000300023>
- 21 Paes JB, Moraes VM, Lima Cr, Santos, GJC. Resistência natural de nove madeiras do semiárido brasileiro a fungos xilófagos em condições de laboratório. *Revista Árvore*, 2004; 33(23): 511-520. <https://doi.org/10.1590/S0100-67622009000300013>
- 22 Albuquerque UP, Medeiros PM, Almeida AL, Monteiro JM, Neto EMFL, Melo JG, Santos JP. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quantitative approach. *J Ethnopharmacol.*, 2007; 114(3): 325-54. doi: 10.1016/j.jep.2007.08.017.
- 23 Estevam CS, Santos JM, Cardoso AM, Simões RA, Freitas FP, Matos HR. Estudo do efeito antioxidante do extrato e partições da Baraúna contra a redução do radical do 1,1-Difenil-2-picrilhidrazil (DPPH) e determinação de polifenóis total. In: 29^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2006, Águas de Lindóia, São Paulo. *Anais Eletrônicos*. São Paulo. 2006.
- 24 Farias DF, Souza TM, Viana MP, Soares BM, Cunha AP, Vasconcelos IM, Ricardo NM, Ferreira PM, Melo VM, Carvalho AF. Antibacterial, antioxidant, and

anticholinesterase activities of plant seed extracts from Brazilian semiarid region. *Biomed Res Int.* 2013; 510736. doi: 10.1155/2013/510736.

25 Ribeiro EMO, Moreira BO, Oliveira JCS, Cardoso MP, David JM, David JP. Screening of radical scavenging activity of extracts of three plant from the caatinga of northeast. In 2nd Brazilian Conference on Natural Products (2nd BCNP) and XXVIII Annual Meeting on Micromolecular Evolution, Systematics and Ecology (XXVIII RESEM). 2009, São Pedro - SP. 2009.

26 Saraiva AM, Castro RHA, Risonildo P, Cordeiro RP, Peixoto STJS, Castro VTNA, Amorim ELC, Xavier HS, Pisciotano MNC. In vitro evaluation of antioxidant, antimicrobial and toxicity properties of extracts of *Schinopsis brasiliensis* Engl. (Anacardiaceae). *African J. Pharm. Pharmacol.*, 2011; 5: 1724-1731. <https://doi.org/10.5897/AJPP11.428>

27 Saraiva AM, Saraiva CL, Cordeiro RP, Soares RR, Xavier HS, Caetano N. Atividade antimicrobiana e sinérgica das frações das folhas de *Schinopsis brasiliensis* Engl. frente a clones multirresistentes de *Staphylococcus aureus*. *Rev. Bras. Pl. Med.*, 2013; 15(2): 199-207. <https://doi.org/10.1590/S1516-05722013000200006>

28 Chaves TP, Dantas IC, Felismino DC, Vieira KVM, Clementino ELC, Costa LS. Atividade antimicrobiana das folhas de *Schinopsis brasiliensis* Engler. *Biofar. Revista de Biologia e Farmácia*, 2011; 5(2), 11-17.

29 Chaves TP, Barbosa AS, Nunes LE, Silva KMA, Simões MOS, Santos RL, Catão RMR, Santos VL, Medeiros ACD. Evaluation of the potential modulator of bacterial resistance, acute toxicity and chemical composition of *Schinopsis brasiliensis* Engl. *Afr. J. Pharm. Pharmacol.*, 2015; 9(33): 843-849. DOI: 10.5897/AJPP2015.4381

30 Amado PA, Ferraz V, Silva DB, Carollo CA, Castro AHF, Lima LARS. Chemical composition, antioxidant and cytotoxic activities of extracts from the leaves of *Smilax brasiliensis* Sprengel (Smilacaceae). *Nat. Prod. Res.*, 2018; 32(5), 610-615. doi: 10.1080/14786419.2017.1327861 <https://doi.org/10.1080/14786419.2017.1327861>

31 El-Hawary SS, Taher MA, Amin E, Sameh F, AbouZid M. Genus *Tabebuia*: A comprehensive review Journey from past achievements to future perspectives. *Arab. J. Chem.* 2021; 14(4): 103046. <https://doi.org/10.1016/j.arabjc.2021.103046>

32 Amtaghri S, Akdad M, Slaoui M, Eddouks M. Traditional Uses, Pharmacological, and Phytochemical Studies of Euphorbia: A Review. *Curr Top Med Chem.* 2022; 22(19): 1553-1570. doi: 10.2174/1568026622666220713143436.

33 Cavalcanti DFG, Silveira DM, Silva GC. Aspectos e potencialidades biológicas do gênero *Croton* (Euphorbiaceae)/ Biological aspects and potentialities of the genus *Croton* (Euphorbiaceae). *Braz. J. Dev.* 2020; 6(7): 45931–45946. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-280>

Autor Correspondente: Vitor Hugo Migues¹

E-mail: vhmigues@gmail.com

Recebido em: 2023-08-03

Aprovado: 2023-11-07